O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

REALMENTE UMA JABUTICABA

ESTRANHO ESSE nosso País. O governo Jair Bolsonaro enfrenta sérios problemas internos de coordenação e, ao mesmo tempo, consegue entregar à nação uma proposta de reforma da previdência muito razoável. A aprovação dessa proposta é fundamental para o País voltar a caminhar normalmente. A ***Agroanalysis*** vai acompanhar o andamento da discussão e, no momento adequado, trará um guia dos principais pontos dessa nova lei. As chances de aprovação desse projeto são muito grandes. Obviamente, a forma original será alterada, e algumas concessões serão feitas, mas, a julgar pela reação dos principais agentes econômicos, há crença firme na aprovação de uma nova previdência que ajude a fechar o rombo das contas públicas.

Nesse processo, o movimento é de manutenção das taxas de juros atuais, inflação muito comportada e valorização do real. Com a reforma da previdência aprovada, a tendência será o dólar valer menos de R$ 3,50, o que, talvez, não interesse ao governo, em função das exportações industriais. Nesse caso, poder-se-ia imaginar até uma nova queda da Selic: juros menores atraem menos capital, e a oferta de dólares poderia ser menor do que o cenário com a reforma da previdência aprovada e com uma Selic de 6,5%.

Enfim, mais uma vez, é preciso estar muito atento tanto para vender a safra, como para realizar a compra de insumos.

Como aconteceu nos últimos anos, a ***Agroanalysis*** traz um artigo que compara as rentabilidades médias das atividades agropecuárias e de outras opções de investimento de capital em 2018. O dólar apresentou a maior rentabilidade entre as atividades e os indicadores analisados, com valorização de 18,51% no ano. Na sequência, apareceram o Ibovespa (15,03%), o ouro (11,43%), o arrendamento para cana-de-açúcar (7,44%) e a produção de cana (7,11%). Por mais um ano, a cana aparece como a opção mais rentável entre as atividades agropecuárias. Para 2019, a expectativa é de que o câmbio e a demanda chinesa pesem menos sobre os preços no mercado interno. Com isso, os resultados econômicos, sobretudo dos grãos, deverão ser piores em comparação aos apurados em 2018.

A questão do "autocontrole" sanitário, em que os empresários são responsáveis por garantir a segurança dos alimentos que oferecem aos consumidores, é recorrente no debate agrícola brasileiro desde o final da década de 1980. Para os especialistas da área de Defesa Sanitária, há consenso quanto à necessidade de revisão dos sistemas atuais de inspeção. Esse consenso foi reforçado, mais recentemente, devido à operação Carne Fraca. Uma eventual reforma pode trazer a solução para problemas enfrentados pelas indústrias produtoras e exportadoras de alimentos, bem como para o Governo. Mas, a concretização dessa ação exige um aparato institucional adequado, para que não se conduza à implementação de novas barreiras não tarifárias e não se traga desconfiança ao consumidor.

As tarifas representam a forma de barreira mais previsível e conhecida da relação comercial entre as nações. Durante décadas, a Organização Mundial do Comércio (OMC) ocupou-se com o estabelecimento de regras e tarifas para disciplinar o comércio entre os países-membros (atualmente, 164). No entanto, cada vez mais, muitos países têm utilizado outros mecanismos não tarifários para controlar os fluxos de comércio, como, por exemplo, restrição à importação de produtos geneticamente modificados ou impedimento de que a produção de biocombustíveis de primeira

geração seja aceita para o cumprimento de metas de carbono. É preciso enfrentar essa nova face do protecionismo. Uma maneira é exigir que normas e especificações internacionais sejam definidas segundo regras claras e não restritivas.

A entrevistada do mês é a coordenadora executiva da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, Luana Maia. A conversa trata do competente trabalho realizado pelo movimento multissetorial da Coalizão, que lançou, recentemente, o documento "Visão 2030-2050: O Futuro das Florestas e da Agricultura no Brasil". A aprovação do Código Florestal em 2012, depois de anos de acalorados debates, aproximou o agro da pauta ambiental. Trata-se de um tema sensível para um país que possui posição de liderança na produção e na exportação de diversos produtos.

No Caderno Especial do mês, a Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM) celebra, pela nona vez, parceria com a ***Agroanalysis***. Uma das principais colunas de sustentação da entidade está na aplicação da inteligência de mercado para expandir e profissionalizar o negócio de suplementação por meio de tecnologia e inovação. Com empresas bem estruturadas do ponto de vista financeiro, o setor possui musculatura para enfrentar os períodos de dificuldade do mercado. O esforço para superação dos obstáculos serve de lição. São mais de 10 mil profissionais espalhados no campo para a disseminação das boas práticas junto aos pecuaristas. *Players* nacionais e internacionais desenvolvem esse trabalho. ■

LEIA A *AGROANALYSIS* NA INTERNET E NOS ACOMPANHE NAS REDES SOCIAIS.

TWITTER: @AGROANALYSIS
INSTAGRAM: /FGV.AGROANALYSIS
FACEBOOK: /FGV.AGROANALYSIS
WWW.AGROANALYSIS.COM.BR

